

"SEVEN" - OU A HIPERTROFIA DA RACIONALIDADE.

Paulo César Cedran *

Resumo: O presente artigo analisa aspectos do filme *Seven* de David Fincher, correlacionando-o à chamada crise da modernidade e da própria razão Iluminista. Nesse contexto trabalha-se a relação psicótica do personagem John Doe à própria hipertrofia da racionalidade, ou seja, a exacerbação da razão destrói a própria essência da racionalidade, gerando uma situação de anomia, que foi marcada pela tentativa de se resgatar uma racionalidade ética cristã, através da punição dos 7 pecados capitais e da seqüência mórbida dos crimes cometidos, que nos leva a refletir, por onde anda a razão.

Palavras-chave: Ética e moral cristã; hipertrofia da razão; crise da pós-modernidade; personalidade psicótica.

Ao término do filme *Seven* de David Fincher, além do sintoma de asco pelos crimes e atrocidades cometidos por John Doe, o psicopata do filme, nos vem à mente a sensação de que existe nessa ação psicótica uma certa dose de racionalidade que se desdobra na compreensão ao longo do filme. Esta sensação causa uma certa estranheza em nós, uma vez que não estamos acostumados a trabalhar com um processo de racionalidade negativa em que a polarização de inversão da mesma gera um processo, que chamamos de hipertrofia da razão. A hipertrofia ocorre portanto num quadro onde a racionalidade atingiu o seu ápice dentro do projeto Iluminista do Século XVIII (ROUANET, 1997). Explico. O projeto da razão, da razão iluminista, nasce num momento em que a sociedade estruturava-se fora das amarras impostas pela Igreja, durante o período Medieval.

Essa razão associada ao movimento, à luz, seria a contraposição do velho jogo treva / luz; seria a tentativa da instauração, ou deveria ser, de uma nova moralidade humana. Seria acreditamos, antes de mais nada, a expressão do processo de superação do estado primitivo do nosso conhecimento e por conseguinte, das superstições e mitos e a instauração de uma lógica, onde a teologia cederia espaço às novas ciências que despontavam no século XVIII.

Essas novas ciências portanto teriam dentro do projeto iluminista, as condições para a expansão do conhecimento do homem e de todas as suas potencialidades. *Seven* portanto, vem ofuscar esse processo, utilizando-se de emblemas e mitos religiosos, que perpassam o inconsciente coletivo de nossa sociedade. Como diz Carvalho (2002):

" Daí o surgimento das teorias de ´culpas coletivas` , como aqueles que culpam *todos os alemães* pelo o Holocausto, ou mesmo *toda a humanidade*, aqueles que

querem que todos nós nos sintamos culpados até hoje, por tudo que nossos antepassados fizeram de errado no passado".

E o autor do artigo completa:

"Mas o ponto de que *Seven* trata não é propriamente o da culpa coletiva, mas o da possibilidade de redenção. Novamente a crítica à modernidade é feita pelo prisma da religião. A religião perpassa todo o filme e a analogia ao processo salvacionista, se dá via remissão pela superação dos sete pecados capitais." [\(1\)](#)

Seven seria a possibilidade de externar ao máximo a capacidade racional do homem na busca desenfreada pela satisfação de seus desejos, pelo hedonismo e ao mesmo tempo, um grito que fica sufocado em cada assassinato cometido, a que cada um dos mortos na interface do próprio assassinio clama pela libertação de seus vícios e do mal.

Seria pois um grito de alerta, os crimes cometidos pelo psicopata? Alerta à polícia? Alerta à humanidade?

O primeiro crime mostra a morte pelo excesso de comida, a gula; o gordo, o obeso, apareceria como a figura que traz gravada em seu corpo a face do pecado capital, o excesso do consumo alimentar, o desperdício, com os bens alimentares, complementaria a problemática em torno do principal problema estético e de saúde que envolve as sociedades mais desenvolvidas do planeta, em face do consumismo atual. Essa obesidade torna-se uma degradação e uma transgressão à lei da vida, uma vez que enquanto alguns se empanturram de comida, outros morrem de fome. A fome como o crime estaria em pé de igualdade, sendo um ato considerado condenatório e grave sob a ótica do criminoso. A forma como o crime foi cometido, mostra que também nós dia a dia explodimos metaforicamente falando, de tanto comer e passamos a fazer do prato e da mesa farta o espelho do mundo. Neste sentido, a primeira vítima do criminoso foi encontrada com a cabeça caída dentro de um prato de comida, como um narciso que se afunda ao olhar e projetar seu desejo, no caso a gula, no prato que funcionou como reflexo desse ser que se confunde com a própria comida.

O segundo pecado ressaltado no filme é a cobiça. A forma e a postura como foi encontrada a segunda vítima, nos leva a refletir. Um advogado brilhante, famoso, é encontrado amarrado com a cabeça sobre seus livros, com o rosto e a perna cortados, ou seja, a ausência de uma similitude no corte do rosto e a posição sacrificial, aparecem como forma de remissão do pecado em que o advogado buscou, como disse o criminoso, soltar os bandidos para se obter dinheiro e poder, e portanto, morre, oferecendo-se diante do próprio objeto de seus crimes: os livros, e também através de sua carne oferecida, colocada na balança da justiça sobre sua mesa.

Essa colocação de carne humana do próprio advogado na balança, serviria enfim, para redimir os crimes por ele cometidos, sejam aqueles que ele ajudou a soltar,

mesmo sendo comprovadamente criminoso, sejam aqueles que ele ajudou a justificar.

O terceiro crime mostra que a preguiça plena é a possibilidade de estarmos inertes a um modo de vida, a um processo de alheamento total, mostrando uma similitude entre este assassinato cometido contra um ex-cliente do advogado anteriormente assassinado.

O quarto crime revela que mesmo diante dos problemas de nossos mais secretos desejos, eles são saciados no mais profundo e sujo poço de nossa semelhança, ou seja, na prostituição. A morte pelo excesso de sexo, mostra que o super-falo utilizado para assassinar a prostituta, representaria em nosso inconsciente coletivo, o desejo, de sermos eternos garanhões em busca do prazer. O falo passa ele próprio a predominar sobre o ser humano, tal como as representações da Antiguidade Clássica, sobre o príapo, onde em algumas delas, vemos o ser humano já personificado no falo (OLIVA NETO, 2002).

O quinto assassinato apareceria como a possibilidade de que ela, a modelo assassinada, tenha cometido o crime, ou seja, pela vaidade, um rosto de mulher bonita é totalmente desfigurado. Diante desse fato, lhe são apresentadas duas alternativas: dormir, adormecer a dor e morrer, ou pedir socorro, e ter a possibilidade de viver com cicatrizes para sempre. Morrer a viver sem a beleza exterior, foi o caminho escolhido pela modelo.

O sexto crime, inclui-se no máximo da racionalidade perversa, que predomina no psicopata. Este crime se refere ao assassinato da esposa, grávida do jovem policial. Neste contexto o psicopata se entrega para fazer cumprir esta macabra profecia, que segundo ele, estava dentro dos desígnios de Deus, da missão que ele deveria cumprir. Neste sentido temos o próprio psicopata entregando-se e se auto-imolando, como forma de uma expiação no sentido inverso do contexto religioso. Num caminho, distante, agora fora da cidade, sem chuva e sob a luz do sol, o policial jovem e o mais velho aguardavam a promessa de que ele entregaria o sexto assassinato. Neste momento, chega o macabro presente, endereçado ao jovem policial, e o psicopata confessa: também eu cometi um grave pecado capital; e comenta: tenho inveja de não enxergar o mundo como vocês. Ou seja, na sua mente, neste momento, ele, inversamente à razão moral, faz toda uma crítica a nossa pretensa moralidade e visão de mundo. Como nos dirá Rousseau, no *Emílio* (1995) : "o homem nasce bom e a sociedade o corrompe." Neste caso, ele também, o psicopata, será, tragado pela possibilidade de se pensar que o mundo, enquanto tal, corrompe o homem, quando a propriedade torna-se instituição. Pergunto: até que ponto o psicopata nos faz de propriedade, leia-se possessividade, que ele exerce sobre suas vítimas, a própria raiz de todo o existir dos pecados capitais?

A propriedade privada, origem de todo o mal e de toda a organização social, mostra que o homem será portanto, o indivíduo, e este, alheio ao conceito de pecado, pode indiscriminadamente buscar o seu progresso pela lógica macabra do social, que o psicopata invejava não conseguir assimilar. Essa hipertrofia da razão,

poderia ser lida como a tênue linha que separa o irracional do racional, com o agravante de que existe no caso da hipertrofia da razão todo um processo lógico, difícil de ser decodificado, comparável à lógica do nazismo, à lógica do mal, como bem conceitua Hanna Arendt (1997; 1998) . Ora podemos dizer que a instauração da lógica do bem e do mal, não foi acompanhada pela reflexão do limite à nenhuma delas e os exemplos pululavam a partir de então. Como disse Hobsbawm (1998). Encerramos o século XX como o mais violento da história e nem por isso, não tivemos os maiores avanços tecnológicos. É este ponto que o filme procura ressaltar. A que medida a sociedade humana propiciou o reencontro do homem com sua natureza e com sua humanidade. A que medida o projeto do infinito racional, não provocou também o pensar do infinito do mal, sem contudo agora, podermos contar com o limite do religioso para se impor ao homem, que mesmo com seus excessos e suas restrições, era um limite.

Ocorre pois, que nesse processo de resignificação do mundo à luz da razão iluminista, perdeu espaço na esfera da significação humana, o próprio sentido de uma ética humanista, que ao se pseudo-instaurar, possibilitou a suposta tentativa de superação das amarras teológicas que delimitariam a racionalidade humana. Pela primeira vez o homem se vê diante da possibilidade de contemplar toda a história e o sentido da historicidade do mundo e resgatar, como que se arqueologicamente pudesse buscar os fundamentos para se construir uma sociedade e um homem moderno livre e ético, como propugnava os gregos. O que fora esquecido neste projeto é que paralelamente a esta visão ideal do homem, estará também sua resignificação e das fraquezas e ambições e toda a gama de instintos primevos que também caracterizaram o homem enquanto tal, acreditando-se, repito, numa superação da irracionalidade pela racionalidade. O que ocorreu, e o filme bem mostra, é que essa extrema exacerbação da razão, levou a uma utopia em torno das possibilidades de se enxergar a razão enquanto salvadora e da ausência de um pensamento dos limites dessa racionalidade. A recolocação e a idéia de limite nos repõe novamente a discussão dos gregos sobre virtudes e vícios. A leitura de vício = pecado, ficou relegada a segundo plano e não se resgatou em nenhum momento este aspecto no projeto da modernidade.

Quando os policiais entram no apartamento do psicopata e passam a desvendar seu mundo, o policial mais velho lê uma série de cadernos onde o psicopata tenta apreender todo o conteúdo do mundo, descrevendo minuciosamente o seu dia a dia. Esta tentativa de compreensão da ação individual do psicopata estaria se complementando na sua concepção de ação social, onde este, o psicopata, se auto-designa, um cumpridor das ordens de Deus, para purificar o mundo. Novamente, o mito da fênix, que renasce das cinzas, como diz a citação de Milton: " o caminho da paraíso é longo e doloroso".

Esta paráfrase ao poema épico de Milton, *Paraíso Perdido*, mostra que John Doe, apreende de Milton, a visão de que:

"Adão e Eva não passam de vítimas de Deus e os anjos são nebulosos, já satan se mostra esplendidamente vivo e movimentador de tudo" (1941, p.233)

Esta análise acerca do contexto de bem e mal, no *Paraíso*, mostra que o psicopata, utilizou-se da referência miltoniana da concepção de Deus, como o vingador, e ao mesmo tempo utilizou-se da lógica de satan para desencadear os processos dos sete crimes.

As referências à leitura não param em Milton; Dante e Chaucer também aparecem. A obra de Dante enquadra-se no contexto de *Seven*, pois:

Na sua visita aos mortos, com toda a história e biografia atrás de si, ele recorda, ou sugere, em versos maravilhosos de concisão, a vida dos pecadores de todos os tipos e a dos eleitos. Isso dá ao poema um extraordinário interesse humano, especialmente na parte relativa ao inferno, porque os pecadores são sempre mais dramáticos do que os santos. Dante os trata com severidade puritana, às vezes terrível; os tormentos que imagina são de ordem espiritual e física. Mas a emoção sobrepairante não procede da vingança, sim da compaixão. Dante revive os sofrimentos do pecador e o êxtase (sic) dos felizes". (1941, p.148)

Temos portanto em *Seven*, a severidade puritana e terrível que o psicopata impõe a seus sentenciados, impondo tormentos de ordem física com o objetivo de refletir na ordem espiritual.

Em Chaucer, o psicopata irá buscar a inspiração das aventuras trágicas. Como diz a História da Literatura Mundial:

"Sua obra prima consiste nas Canterbury Tales, coleção de histórias de várias fontes, unificadas numa situação única (...). Os contos percorrem toda a gama da narrativa - da aventura trágica à comédia alegre". (p.195)

Portanto, os processos de remissão impostos aos pecadores assassinados, mostram essa tentativa negativa de resgatar pela violência a racionalidade hipertrofiada. Desse processo depreendemos uma outra lógica que retrata um Deus sanguinário, que impõe a ferro e fogo a lei, a qual, ele, o psicopata, procura fielmente seguir.

Essa razão desse Deus, aliada à razão da modernidade, produziu os frutos indesejados no mundo, dentre esses frutos estaria a hipertrofia que já falamos, a qual o filme traz à tona.

Poderíamos dizer que a razão Medieval Cristã e a moderna, por caminhos, não muito diferentes, fizeram a mesma coisa, ou seja, instauraram o ódio e o terror. A intolerância e a ausência de uma lógica limite, bloqueou aquilo que somente o amor poderia instaurar, referência ao trecho final da Divina Comédia onde:

"O fim da viagem de sonho é a visão da deidade e a fusão da vontade do indivíduo no amor que move o sol e as demais estrelas". (p.148)

Fica portanto para nós, a seguinte questão: até que ponto a razão consegue ou conseguiu resolver os males do mundo? Até que ponto sua hipertrofia não gera a ausência de um mundo ilimitado, onde pode-se tudo? Se Deus morreu, pode-se

tudo. Precisamos do limite, precisamos da significado e da resignificação do mundo, precisamos de uma nova racionalidade.

O psicopata do filme, ao encontrar-se na condição do ilimitado, referencia de maneira negativa a vivência e faz da memória na sua relação com a sequência planejada de assassinatos, a tensão nos combates da vida diária. Como diz Flávio Desgranges:

"Essa mera vivência dos eventos cotidianos, sedimenta a auto-alienação do ser humano que inventariou o seu passado como propriedade morta e que, no entanto, acredita-se plenamente integrado ao processo histórico, não se percebe repetindo o passado por estar esquecido dele, rompeu com a cultura e a tradição, e está proibido de construir a história porque se demitiu da história"
(DESGRANDES, 2001, p.53)

Essa condição citada por Desgranges, ganha um aspecto mais dramático quando o autor lembra que o presente não é mera passagem para o futuro, precisando pois desencantar o passado, uma vez que ele não pode ser encarado de forma definitiva.

Conseguimos ver diariamente, serem cometidos todos os sete pecados capitais e ainda conseguimos viver na passividade?

Diante desta afirmação de Desgranges, podemos dizer que o psicopata, ao definir a sequência dos crimes e redefinir a história dos personagens, coloca-se no lugar da potência divina, situando-se ainda como o historiador que paralisa o tempo presente como possibilidade de reafirmar pela violência a moralidade negativa de sua psicose.

Neste momento os lances finais do filme ganham um tom de dramaticidade única, não vista até então. O policial mais velho, segurando o presente macabro, que continha a cabeça decepada da esposa do policial mais novo, implora para que o mesmo não entre na lógica do psicopata, e implora para que ele não o mate, para que não se cumpra a vontade do psicopata, pois o policial mais velho acreditava ser este o melhor suplício a ser imposto ao psicopata.

Se o jovem policial, considera-se essa lógica apresentada pelo policial mais velho e experiente, com certeza estaria impondo ao psicopata o suplício que lhe afetaria diretamente a sua personalidade, uma vez que:

"A ligação viva dos acontecimentos do passado com os do presente torna-se possível justamente pela tensão que relaciona fatos ocorridos em épocas anteriores com os atuais, fatos que se vinculam pela descontinuidade contínua dos sonhos e dos desejos, pelas centelhas de esperança contidas nas situações que foram vividas e que penetram as alterações que estão sendo vividas e as que serão vividas..."
(2001, p.56)

Por esta citação de Desgranges, percebemos que mesmo sendo negativa a lógica doentia do psicopata, fundamenta-se na nossa tríplice perspectiva que move e paralisa o passado, o presente e o futuro, uma vez que o sonho do psicopata perpassaria pelo embate que os anseios reprimidos fossem capazes de gerar.

Para o policial mais velho, o psicopata ao ser morto pelo jovem policial, terá conseguido provar que a lógica do mundo é a lógica da perdição, a lógica dos pecados capitais e portanto em seu íntimo terá conseguido reconciliar-se com sua neurose destrutiva ou, sob sua própria ótica regenerativa que ele procurou implantar.

Lógico que se fôssemos nós, também teríamos matado o psicopata, como fez o jovem policial. Mas o filme termina propondo os seguintes questionamentos: qual a lógica do mundo que nós reproduzimos: a da passividade, tentando sobreviver ou buscamos construir um projeto de sociabilidade em um mundo que clama por urgentes mudanças? Optaríamos pela lógica do policial mais velho, que conta, à esposa do jovem policial, que pediu que ela abortasse para colocar no mundo alguém para sofrer e depois arrependido, a abandona e fecha-se na dor? Essas lógicas citadas carecem de um sentido para a mudança, mas nas falas do velho policial, quando ele diz que se dá pouca importância à violência e mais ao seu combate, ele estaria nos mostrando a necessidade de se buscar causas e não consequências dos problemas.

Diante dos questionamentos propostos pelo filme, poderíamos dizer que os sete crimes, fragmentos dentro do continuum cênico do filme, a cada momento, paralisa, segundo Desgranges abruptamente o fluxo da ação, propondo um movimento reflexivo em nós espectadores. Diz:

"A reflexão inclui não somente a mobilidade do pensamento como sua paralisação. Quando o pensamento pára, subitamente, numa constelação saturada de tensões, transmite-lhe um choque, e ela se cristaliza como Mônades". (2001, p.57)

Considerações Finais.

Esse desvencilhamento ganha maior destaque no período Pós-Concílio Vaticano II, ano em que a Igreja procura atualizar-se para fazer frente aos novos desafios propostos no limiar do século XXI.

As questões de ordem ético-moral que envolvem a definição de Pecado e em especial, dos chamados Sete Pecados Capitais, diluem-se num outro processo de resignificação da função da dignidade da pessoa humana em que o homem imagem de Deus, olha o seu coração, descobre-se inclinado para o mal e mergulhado em múltiplos males que não podem provir do seu criador.

O psicopata do filme recusaria-se a reconhecer Deus como seu princípio criador, uma vez que o reconheceria como seu super-dominador, seu super-senhor. Nesse contexto, diz a constituição Pastoral *Gaudium et Spes*:

Por isso o homem está dividido em si mesmo. Por esta razão, toda a vida humana, individual e coletiva, apresenta-se como uma luta dramática entre o bem e o mal, entre a luz e as trevas. (1968, p.155)

Nessa divisão de homem encontramos no período pós-conciliar uma amplificação do conceito de pecado, como sendo agora uma condição relacional que implica a própria consideração da vida coletiva.

Nesse sentido, o psicopata de *Seven* reforça o alerta de que sua condição humana permitiria seguir essa ordem divina que lhe propõe uma ética-pessoal e social que ele externaliza na sequência dos crimes cometidos. Nessa mesma linha de identificação da condição de pecador na relação indivíduo e sociedade, Frei Betto, (1992) dirá:

Nessa linha, o pecado não consiste tanto em pequenas faltas ou deslizes que eventualmente ocorram em nossa vida. O que deve estar no centro da questão, não são nossos atos isolados, mas o *rumo fundamental de nossa existência*: a quem servimos, à Deus ou às riquezas? (grifos do autor)

Em síntese, seria este o alerta que numa lógica racional negativa o psicopata quis suscitar, pois de certa forma, todos os indivíduos punidos por Jhon Doe fizeram a opção de servir à riqueza em suas múltiplas faces. A exceção interessante, se deve ao fato de que o último crime não se inscreve diretamente nessa lógica, se não considerarmos que o psicopata fez, do sacrifício da esposa do policial inocente, uma forma de se auto-incluir no mundo que ele queria destruir. Nessa perspectiva, o psicopata trabalha a dualidade que compõe a condição de pecador pós-conciliar.

O Catecismo da Igreja Católica (1993, p.432), atualizado pelo Papa João Paulo II e publicado em 1993, mantém a linha teológica-pastoral de considerar a diversidade dos pecados, identificando sua raiz na liberdade humana, quando diz:

" A raiz do pecado está no coração do homem, em sua livre vontade [...]"

Essa concepção do Magistério Cristão, considera válida a distinção feita por São João Cassiano e São Gregório Magni acerca dos pecados capitais, assim chamados porque geram outros pecados e vícios: dentre eles, o também chamado pecado social.

É à esse pecado que o psicopata queria direcionar a questão e que o próprio filme vai nos chamar a atenção, uma vez que na Teologia da Libertação, o novo se dá pelo fato de que:

A Teologia como reflexão crítica da práxis histórica é assim uma Teologia libertadora, Teologia da transformação libertadora da história da humanidade [...] (GUTIERREZ, 1975, p.27)

Numa síntese psicótica, Jhon Doe acredita estar libertando da condição individual e social do pecado, os emblemáticos protagonistas de sua racionalidade macabra,

que utiliza-se do referencial histórico do próprio século XX para situá-la, e para com sua própria morte, sublimemente, transformá-la.

Considerando a conceituação de que vivemos um momento de hipertrofia da razão, pelo excesso da própria racionalidade, encontramos na questão religiosa, que perpassa todo o filme, mais do que o embate direto entre fé e razão, uma conclamação para não fazermos da racionalidade uma teologia dogmatizada da qual a própria razão faz questão de se desvencilhar.

Nesse raciocínio paradoxalmente seríamos obrigados a concordar com a lógica do psicopata, que consegue paralisar a nossa lógica racional tão combatida pelos rumos que ela tomou no mundo atual, nos imobilizando, como diz Desgranges, para que consigamos refletir a história buscando, interpretá-la e, poderíamos dizer, por que não mudá-la.

Referências

ARENDDT, H. As origens do totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. Eichmann em Jerusalém: ensaios sobre a banalização do mal. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

BETTO, Frei. Catecismo popular. São Paulo: Ática, 1992.

CARVALHO, A.R.V.de. O acusador impiedoso. In: _____. O diabo vai ao cinema III. Disponível em: www.oindividuo.com/alvaro/diabo3.htm. Acesso em: 22 ago. 2002.

DESGRANGES, F. O teatro do sem jeito manda lembranças: um pequeno estudo sobre o espectador do teatro épico. In: KRAMER, S. ; LEITE, M. I. F. P. (Org.). Infância e produção cultural. 2.ed. Campinas: Papyrus, 2001.

GUTIERREZ, G. Teologia da Libertação: perspectivas. Petrópolis: Vozes, 1975.

HISTÓRIA DA LITERATURA MUNDIAL. São Paulo: Editora Nacional, 1941.

HOBSBAWM, E. Era dos extremos: o breve século XX - 1919 -1991. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

OLIVA NETO, J. A. A arte da poesia priapéia. In: SEMANA DE ESTUDOS CLÁSSICOS, 17, 2002, Araraquara. Resumos... Araraquara: UNESP, 2002.

ROUANET, S. P. As razões do iluminismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ROUSEAU, J. J. Emílio ou da educação. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SEGUNDO CATECISMO DA DOCTRINA CRISTÃ. São Paulo: Paulinas, 1952.

VIER, F.(Coord.). Constituição Pastoral Gaudium et Spes in compêndio Vaticano II: constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 1968.

* Prof. Ms. Sociologia do Centro Universitário São Luiz e do Centro Universitário Moura Lacerda, Campus de Jaboticabal (SP) - CEP. 14870-000. Doutorando em Pós Graduação em Educação Escolar - FCL - UNESP - Araraquara.

(1) No Segundo Catecismo da Doutrina Cristã, temos "Os vícios capitais são sete: 1º Soberba, 2º Avareza, 3º Luxúria, 4º Ira, 5º Gula, 6º Inveja, 7º Cobiça (...). E continua : "Esses vícios chamam-se capitais porque são a origem e a fonte de todos os pecados".